

Eleições colombianas

Petro é eleito o primeiro presidente de esquerda da história da Colômbia

— Com uma diferença apertada, de pouco mais de 700 mil votos, o economista e ex-guerrilheiro derrotou o populista Rodolfo Hernández, que reconheceu o resultado

FERNANDA SIMAS
ENVIADA ESPECIAL A BOGOTÁ

O ex-guerrilheiro Gustavo Petro foi eleito ontem o novo presidente da Colômbia, colocando a esquerda pela primeira vez no governo do país. O candidato da coalizão Pacto Histórico teve 11,2 milhões de votos, 50,4% do total, e superou o populista de direita Rodolfo Hernández, que recebeu 10,5 milhões de votos, cerca de 47%.

Aprofundando um ciclo eleitoral que tem eleito esquerdistas na América Latina, Petro prometeu em sua campanha profundas mudanças sociais na Colômbia, por décadas governada pela direita. Essa foi a terceira vez que o candidato, que tem 62 anos, concorreu à presidência.

que solte nossos jovens.”

O adversário de Petro, Rodolfo Hernández reconheceu a derrota. “A maioria dos colombianos escolheu o outro candidato. Aceito o resultado como deve ser se desejamos que nossas instituições sejam firmes. Sinceramente, espero que essa decisão seja benéfica para todos e a Colômbia se encaminhe à mudança. Desejo que Petro seja fiel ao seu discurso contra a corrupção”, afirmou ele em suas redes sociais, como fez ao longo da campanha.

O presidente Iván Duque parabenizou seu sucessor. “Chamei Petro para dar os parabéns a ele como presidente eleito dos colombianos. Concordamos em nos reunir nos próximos dias para começar uma transição harmônica, institucional e transparente”, afirmou pelo Twitter.

Desafio Para analista, a questão agora é saber se Petro pode levar adiante a sua visão de governo

Em seu primeiro discurso como presidente eleito, Petro citou o momento histórico do país. “Uma história nova para a Colômbia, para a América Latina, para o mundo inteiro. Aqui temos uma mudança de verdade. Não vamos trair esse eleitorado que gritou ao país que a partir de hoje a Colômbia muda, uma mudança real.”

O presidente eleito falou da importância de unir o país. “A mudança consiste em deixar o ódio para trás, em deixar o sectarismo para trás, as eleições mostraram ‘Colômbias’ próximas em termos de votos. Queremos que a Colômbia, em meio a sua diversidade, seja uma só”, disse.

No fim de seu discurso, Petro falou dos milhares de jovens presos no país. “Peço à Procuradoria-Geral da nação

DIFICULDADE À VISTA. Para Mario Aller San Milán, cientista político da Universidade Javeriana, a questão agora é saber se o presidente eleito “pode realmente levar adiante sua visão de governo, ao menos cumprir a maioria das promessas que fez e não decepcionar seus eleitores”. “Vai ser muito difícil, porque há um Congresso onde ele não tem maioria. Ele terá de buscar acordos”, disse Milán.

No Congresso, o bloco de centro-esquerda, que engloba o Pacto Histórico, o Partido Comunes (ex-Parce), os grupos indígenas e a Coalizão Centro Esperança tem 35% das cadeiras. Metade da Casa está nas mãos da centro-direita tradicional do país. Para Milán, a administração de Petro será um afastamento da tradicional política da Colômbia, mas, “salvo circunstâncias excepcionais, não haverá mudanças extremas”. Segundo Milán, a alta participação neste segundo turno nas áreas mais povoadas



Gustavo Petro e sua vice, Francia Márquez, celebram a vitória depois de discursarem em Bogotá

e desiguais do país sacramentou a vitória de Petro.

ANOS DE GUERRILHA. Nascido em uma família de classe média, de pai conservador e mãe liberal, e educado por pais lassalistas, Petro militou no M-19, uma guerrilha nacionalista de origem urbana que assinou um acordo de paz em 1990. Ele conta que se rebelou contra o golpe militar no Chile em 1973 e uma suposta “fraude eleitoral” na Colômbia no mesmo ano. Foi detido e torturado pelos militares e ficou preso por um ano e meio.

Petro chegou ao Congresso e depois à Prefeitura de Bogotá (2012-2015). Como parlamentar, destacou-se por denunciar vínculos entre políticos e paramilitares de extrema direita. Como prefeito ganhou fama de autoritário e mau administrador por seu plano de esticar a coleta de lixo. Na campanha, Petro prometeu austeridade e respeito à propriedade privada. ● AP, AFP e REUTERS

Violência será questão central

ANÁLISE

ELIZABETH DICKINSON

No mês passado, um grupo armado criminoso fechou grande parte do terço norte da Colômbia – em grande parte sem contestação. “Decretamos quatro dias de ataque armado a partir deste momento”, dizia o panfleto de 5 de maio ordenando que a população ficasse dentro de casa, as lojas fechassem e as estradas ficassem vazias. O Clã do Golfo, um grupo de narcotraficantes paramilitar, iniciou o ataque contra o governo colombiano em retaliação à captura e extradição de seu líder, Dairo Antonio Ústuga, conhecido como Otoniel, para os EUA.

Com pouca polícia estadual ou presença militar para proteger o campo, colombianos em

11 dos 32 departamentos do país (semelhantes aos estados dos EUA) obedeceram aos ordens do grupo ilegal e uma calma fantasmagórica ocorreu. Após quatro dias, pelo menos oito pessoas morreram, quase 200 veículos foram queimados. O próximo presidente da Colômbia deve se afastar da abordagem de priorizar de forma restrita capturas e extradições – essa estratégia não desmantela grupos criminosos, mas traz consequências profundas para civis.

Em vez disso, deve se concentrar em uma política que capacite as forças de segurança da Colômbia. Isso, aliado a programas sociais e investimentos no campo. Tendo terminado a guerra aqui uma vez, a Colômbia não deveria permitir que ela entrasse em erupção novamente. ● TRADUÇÃO LÍVIA BUELONI GONÇALVES

ANALISTA SÊNIOR DE BOGOTÁ PARA A COLÔMBIA NO INTERNATIONAL CRISIS GROUP

Francia Márquez, a primeira vice negra do país

BOGOTÁ

Pela primeira vez na história da Colômbia uma mulher negra será a vice-presidente do país. Francia Márquez, uma ati-

vista ambiental do Departamento de Cauca, no sudoeste da Colômbia, tornou-se um fenômeno nacional, mobilizando as bases eleitorais da esquerda e cavando espaço na chapa de Gustavo Petro.

Márquez, de 40 anos, escolheu concorrer ao cargo “porque nossos governos deram as costas ao povo, à justiça e à paz”. Ela cresceu dormindo no chão de terra batida em uma região castigada pela violência re-

lacionada ao longo conflito interno do país. Engravidou aos 16 anos, foi trabalhar nas minas de ouro locais. Em 2019, sobreviveu a um ataque com granadas e tiros de fuzil. Queria matá-la por sua defesa diante do avanço da mineração ilegal.

Críticos a consideram “divisiva”, alguém que tem dificul-

dade para forjar alianças. Ela também nunca ocupou um cargo político. Para Sergio Guzmán, diretor da Colombia Risk Analysis, “há muitas dúvidas sobre se Francia seria capaz de ela gerenciar a política econômica, ou política externa, de forma a dar continuidade ao país”. ● AFP e NYT

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 11